

---

## ESPIRITUALIDADE, ESCOLA

---

## E CULTURA DE PAZ:

---

## UM CAMINHO DE DESAFIOS,

---

## ENCONTROS E SENTIDOS\*

---

DOI 10.18224/frag.v31i3.9058

THAYANA MARIA OLIMPIO MARINHO\*\*  
THIAGO ANTONIO AVELLAR DE AQUINO\*\*\*  
WANESSA DE MACÊDO GOMES\*\*\*\*  
SANDRA SOUZA\*\*\*\*\*

*Resumo: o objetivo do artigo foi conhecer os desafios atuais no âmbito da escola e compreender o papel da espiritualidade na Cultura de Paz. A escola é considerada como um dos pilares da educação, construindo a cidadania e formação de uma sociedade e de uma nação. O processo de adoecimento desses jovens vem crescendo e se faz necessário um olhar para isto mais atento e cuidadoso. Novas diretrizes propostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), incluíram a dimensão espiritualidade no conceito multidimensional de saúde. Espiritualidade, por sua vez, pode ser entendida por toda experiência que produz mudança profunda no interior de cada pessoa podendo levá-la a uma integração pessoal e com o mundo. Nesse sentido, a cultura da paz aliada a espiritualidade proporciona a educação o senso de identidade e propósito significativo à vida, permitindo criar um cenário enriquecedor que acrescenta qualidade aos discursos e práticas educacionais na escola.*

Palavras-chave: *Espiritualidade. Cultura de Paz. Educação.*

---

\* Recebido em 26.06.2020. Aprovado em: 08.11.2021.

\*\* Mestranda em Ciências da Religião e graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba. *E-mail:* thayanamarinhofpb@gmail.com.

\*\*\* Doutor, mestre e graduado em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor Associado da Universidade Federal da Paraíba do Centro de Educação. *E-mail:* logosvitae@hotmail.com.

\*\*\*\* Mestranda e graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba. *E-mail:* wanessademac@gmail.com.

\*\*\*\*\* Doutora, mestre e graduada em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora Associada da Universidade Federal da Paraíba do Departamento de Psicologia com Regime de Dedicção Exclusiva. *E-mail:* sandra.souza\_psi@yahoo.com.br.

A escola é considerada como um dos pilares da educação, construindo a cidadania e formação de uma sociedade e de uma nação. É por meio dela que a criança inicia sua educação, sua integração e inclusão social, seus relacionamentos e seus potenciais, ou seja, relações extremamente significativas que se estendem por toda a vida. Assim, um ambiente onde não se promova a segurança minimiza o papel da escola, colocando em questionamento seus pressupostos (LIBERAL *et al.*, 2005).

A instituição escolar proporciona o desenvolvimento e crescimento de cada pessoa, é também onde podem surgir as mais variadas queixas, que terminam por vezes exigindo uma necessidade de releitura, inclusive para um desenvolvimento saudável. Acredita-se que conhecendo melhor a realidade dos estudantes e os obstáculos enfrentados por eles, tem-se maior embasamento para a discussão do assunto como também para a avaliação de formas de garantir a igualdade de acesso e de permanência no ensino superior a todos os estudantes (ALVARENGA *et al.*, 2012).

A literatura aponta que o processo de adoecimento dos jovens vem crescendo e se faz necessário um olhar para isto mais atento e cuidadoso. Percebe-se, uma saúde mental fragilizada, que anseia por cuidados e melhorias (SOUZA; TEIXEIRA, 2016). Nessa perspectiva, foi de extrema importância os avanços que surgiram, inclusive, os que partiram da ampliação do conceito de saúde através do estabelecimento de novas diretrizes propostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em que a saúde deixa de ser a ausência de doença para se tornar um bem-estar físico, psíquico, social e espiritual (TONIOL, 2017). É uma modificação que permite uma visão mais integral do ser, trazendo a espiritualidade como detentora de cuidado e visibilidade.

Levando em consideração essas pontuações, o objetivo do artigo foi conhecer os desafios atuais no âmbito da escola e compreender o papel da espiritualidade na Cultura de Paz. Para tanto, o manuscrito foi dividido em quatro partes: inicialmente, refletiu-se acerca da escola como um ambiente de sentido; a espiritualidade como um movimento para a mediação de conflitos; a Cultura de Paz imersa no contexto escolar, e; traz um diálogo entre a Cultura de Paz, Frankl e a escola.

## A ESCOLA: UMA AMBIÊNCIA DE SENTIDOS

Refletir sobre o sistema educacional brasileiro é necessário e, ao mesmo tempo, é possível uma percepção unânime, de que o ensino médio é o nível de ensino que provoca os debates contraditórios, seja pelos persistentes problemas do acesso e da permanência, seja pela qualidade da educação oferecida, ou, ainda, pela discussão sobre a sua identidade. As dificuldades atuais do ensino médio são expressões da presença tardia de um projeto de democratização da educação pública no Brasil ainda inacabado, que sofre os abalos das mudanças ocorridas na segunda metade do século XX, que transformaram significativamente a ordem social, econômica e cultural (KRAWCZYK, 2011).

No cenário brasileiro, a educação escolar anseia por dias melhores. As notícias sobre os *bullyings* se proliferam, vidas estão partindo por não aguentarem uma realidade que vem se tornando sufocante. Propõe-se o deslocamento da análise da instituição escolar para os sujeitos jovens, centrando neles o eixo da investigação. Pode-se relatar que existe uma nova condição juvenil no Brasil, resultado das mutações nos processos mais amplos de socialização. O jovem que é lançado às escolas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais

e um universo simbólico muito diferente das gerações anteriores (DAYRELL, 2007). Essa nova geração requer um olhar mais atento para as suas singularidades, visto que este período escolar pode ser tão decisivo quanto desafiador.

Essa etapa de ensino, é que termina sendo responsável pelos três ou quatro últimos anos da educação básica, trazendo dificuldades no momento de definir políticas para essa etapa da escolarização. É nesse período que se fala da perda da identidade, quando na verdade o ensino médio nunca teve uma identidade clarificada, que não fosse o trampolim para a universidade ou a formação profissional. Independentemente de qual demanda venha surgindo, seja provocada pelo contexto econômico mais amplo ou de cada sujeito, é perceptível que essa etapa vem se expandindo e explicitando novos desafios (KRAWCZYK, 2009).

Nessa conjuntura, é crucial uma escola que comporte a dinâmica de aprendizagem da população que pretende atingir, ou seja, toda estrutura que deseje partilhar conhecimento. Deve-se possibilitar um ambiente que favoreça o crescimento e a saúde, não apenas física de cada aluno, como também psicológica e emocional. Quando os adolescentes que agora estão ingressando no ensino médio realmente aprenderem em sintonia com o mundo em que vivem, estaremos diante de um processo real de democratização do ensino e não simplesmente de progressiva massificação (KRAWCZYK, 2011).

Diante dessas dimensões, entre outras, é que os jovens vão se construindo como tais, com uma identidade marcada pela diversidade nas suas condições sociais, culturais, de gênero e até mesmo geográficas. A juventude se constitui como um momento delicado de escolhas, de definições, no qual o jovem tende a se defrontar com perguntas como: “Para onde vou?”, “Qual rumo devo dar à minha vida?”, questões estas, cruciais para o jovem e diante das quais a escola detém importância na elaboração de respostas ou no mínimo contribuir na sua problematização (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011).

A partir do pensamento de Buber (2001), compreende-se que a escola pode ser um ambiente de encontros, de sentidos e ressignificações. Ela não deve ser apenas detentora de repassar conhecimento, se este não consegue chegar ao outro numa dimensão, sequer acessível a ele. Sabe-se que as escolas estão em lugar de privilégio, principalmente, quando falamos sobre promover e manter a saúde dos seus alunos, professores, funcionários da escola e comunidade ao entorno. A Escola Promotora de Saúde baseia-se num modelo social de saúde que enfatiza toda a organização da escola e tem como foco principal o ser humano. Nesse sentido, o aluno é visto holisticamente em um ambiente de profundo movimento (LIBERAL *et al.*, 2005). Dessa forma, torna-se pertinente refletir acerca da espiritualidade no contexto escolar, o que será objeto do próximo tópico.

## ESPIRITUALIDADE PERMEANDO CAMINHOS E CONFLITOS: UM ENCONTRO COM FRANKL

A espiritualidade pode ser entendida por toda experiência que produza mudança profunda no interior de cada pessoa podendo levá-la a uma integração pessoal e com o mundo. Ela diz respeito a valores e significados onde o espírito nos permite realizar a experiência da profundidade, da captação do simbólico, mostrando que o que move a vida é um sentido (GIOVANETTI, 2005).

A Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1988 incluiu a dimensão espiritualidade no conceito multidimensional de saúde, levantando debate a questões, tais como,

significado e sentido da vida, trazendo para o diálogo a diversidade de conceitos sobre saúde, religiões e espiritualidades. A espiritualidade, portanto, aparece como um conjunto de todas as emoções e convicções de natureza não material (VOLCAN *et al.*, 2003).

Dentro da temática espiritualidade e religiosidade há divergências sobre suas definições e correlações. Compreende-se que, a religiosidade pode ser uma maneira da espiritualidade também se manifestar, mas não se pode afirmar uma unicidade ou obrigatoriedade. Da mesma forma que existem pessoas de intensa religiosidade e pouca espiritualidade, há pessoas de nenhuma religiosidade, que podem manifestar uma intensa espiritualidade. Ou seja, ambas podem se relacionar em um dado momento, mas não é a mesma coisa (GIOVANETTI, 2004).

Pinto (2009) afirma que a espiritualidade, por si só, busca o sentido para a existência na existência, não necessariamente o sentido último. Nesse contexto, de busca de sentido através da espiritualidade, faz-se necessário conhecer como tais significados implicam na saúde mental dos jovens que enfrentam diversos desafios em nosso sistema de ensino.

Todo ser é detentor de uma espiritualidade que o compõe em sua totalidade, cada aluno que participa da rede escolar faz parte de uma dimensão além de objetiva, também subjetiva. O cuidado e acesso a essa espiritualidade pode possibilitar melhorias em seu modo de existência, incluindo a dimensão da escola.

Segundo Oliveira e Junges (2012), nos últimos tempos, existe um olhar mais voltado ao estudo da espiritualidade/religiosidade e sua relação com a saúde mental, o bem-estar psicológico e a integração bio-psicossocial-espiritual do ser. A saúde mental passa a ter um papel de destaque e olhares mais cuidadosos sobre situações que podem causar sofrimento psíquico.

A dimensão espiritual se mostra como a dimensão da vivência da liberdade e da responsabilidade. Essa responsabilidade não retrata um caráter moralista, mas discorre pela capacidade de cada pessoa escolher com liberdade no momento em que decide se posicionar diante das circunstâncias presentes, entendendo, que cada escolha a partir dali carrega sua responsabilidade (JÚNIOR; MAHFOUD, 2001).

Sabe-se que o ser humano é constituído por uma dimensão biológica, uma dimensão psicológica e está inserido em uma dimensão social. O que nos difere dos animais é o que se denomina de dimensão noológica, segundo Frankl esse aspecto corresponde a dimensão espiritual. Isso não quer dizer que o homem ignora as demais dimensões, mas a essência de sua existência está na dimensão espiritual. Assim, a existência propriamente humana é existência espiritual (FRANKL, 1989a).

Em termos de inovações e reflexões quanto às relações entre espiritualidade e saúde, pode-se citar Viktor Frankl (1983). Pioneiro ao se insurgir contra o reducionismo e mecanicismo da psicologia e da psiquiatria. Na sua obra trata da dimensão espiritual/existencial do ser humano como dimensão indissociável da física e da psicológica. Fundador da escola de Logoterapia, considera que a motivação intrínseca no homem não são os impulsos sexuais nem o desejo de poder, e, sim, encontrar um sentido na vida.

O surgimento do novo paradigma existencial de Frankl procede de sua experiência clínica como diretor do Departamento de Neurologia do Hospital Psiquiátrico de Viena e, sobretudo, de sua experiência pessoal nos campos de concentração nazistas. Segundo ele, a dimensão espiritual/existencial deve formar parte do entendimento integral do ser humano e da avaliação dos processos de saúde e qualidade de vida (SARRIERA, 2004). Frankl (1989)

afirma que todos os seres humanos, além das suas necessidades comuns, sentem uma vontade de sentido, em maior ou menor grau, como uma necessidade específica. Essa vontade é denominada de “valor de sobrevivência”. Sendo assim, a espiritualidade é o caminho para se construir também um sentido de vida. Ela pode suscitar em cada indivíduo uma busca por algo que transcenda o próprio eu.

Esse fator espiritual ressalta a capacidade de decisão do homem, uma vez que o mesmo passa a agir, não apenas impulsionado por seus conteúdos anímicos, mas também orientado por sua espiritualidade (LIMA NETO, 2013). Essa dimensão espiritual norteia o sentido das vivências de cada um. É através da vivência que o sentido de vida se torna mais claro, consciente e congruente.

Frankl acredita em uma compreensão ontológica pré-reflexiva em cada pessoa, intuindo sentidos e significados através de três dimensões valorativas: valores vivenciais, valores criativos e valores atitudinais. A primeira diz respeito às vivências relacionadas com a natureza, valores contemplativos, obras artísticas; já os valores criativos contemplam a disponibilidade do ser humano em mudar o mundo por meio de um trabalho artístico ou científico; enquanto que os valores atitudinais afirmam que quando o ser humano não pode mais produzir algo, pode continuar se posicionando perante o que lhe condiciona ou lhe causa dor e sofrimento (AQUINO; OLIVEIRA, 2020).

Quando se fala de sentido, refere-se ao significado, à coerência, à busca de propósito e finalidade. Frankl traz em sua obra que o homem que perde o sentido cai em um vazio existencial e tende a sofrer; esta frustração existencial pode desembocar em uma sintomatologia neurótica (MOREIRA; HOLANDA, 2010).

Frankl (1985) afirma que, o ser humano realmente precisa não é de um estado livre de tensões, mas da procura e da luta por um objetivo que faça valer a pena, podendo ser uma tarefa escolhida livremente. O ser precisa não de homeostase, mas daquilo que ele denominou de “noodinâmica”. Pode-se citar um exemplo apontado pelo mesmo, onde ele traz que o que deprime as pessoas não é o desemprego em si, mas a sensação de falta de sentido decorrente disto (FRANKL, 1990). Independentemente de qualquer situação humana, seja ela, de culpa, sofrimento e morte, pode-se encontrar o sentido.

Moreira e Holanda (2010) afirmam que, para Frankl, o sentido não é moldado pela mente, mas a mente é pelo sentido. Em vez de se criar um sentido, a mente tem que se submeter a ele. Ou seja, nenhum homem inventa o sentido da vida: cada um é cercado e impelido pelo sentido da própria vida. Este não pode ser dado ou criado, mas deve ser encontrado.

Pode-se ter a compreensão, portanto, de que a procura de cada pessoa não é a felicidade em si, mas uma razão para ser feliz (FRANKL, 1978). É a vontade de sentido nas práxis da existência humana. É a busca de sentido que traz movimento à vida. É esse encontro que possibilita a transcendência entre o ser e o espírito.

De acordo com o estudo feito por Oliveira e Junges (2012), a espiritualidade está a favor da mudança e promove mudança. A busca pelo sentido da vida foi relatada em todas as entrevistas realizadas, em algumas apareceram de forma direta e em outras através de reflexões, apontando para a espiritualidade como aquela que auxilia no processo de busca de sentido e que, por consequência, promove a saúde mental.

Conforme exposto anteriormente, a saúde transcende a ausência de doenças, dessa forma, torna-se necessário adentrar na Cultura de Paz no contexto escolar para uma melhor compreensão, o que o leitor encontrará no próximo segmento.

Quando se fala a respeito da Cultura de Paz, pode vir ao entendimento ser uma temática óbvia de fácil acesso e compreensão. Isso pode impedir um aprofundamento rebuscado e necessário para estudá-la. Segundo Boulding (2000, p. 1):

cultura de paz é uma cultura que promove a diversidade pacífica. Tal cultura inclui modos de vida, padrões de crença, valores e comportamento, bem como os correspondentes arranjos institucionais que promovem o cuidado mútuo e bem-estar, bem como uma igualdade que inclui o reconhecimento das diferenças, a guarda responsável e partilha justa dos recursos da Terra entre seus membros e com todos seres vivos.

É notório que a Cultura de Paz dispõe de modos de vida que abarcam todos os valores que perpassam por nossa sociedade. Envolve dispositivo e pessoas dispostas a praticá-la e, por vezes, a trabalhar com ela. Esse trabalho também tem seus desafios e dificuldades, seja em qualquer área que se deseje estudar sobre o tema.

Quando se fala numa perspectiva de construção de uma Cultura de Paz, pode-se relacionar à resolução não violenta dos conflitos. Ou seja, é uma cultura baseada em tolerância, solidariedade e compartilhamento de base cotidiana; cultura esta, que respeita os direitos individuais, o princípio da diversidade e do pluralismo, e que assegura e sustenta a liberdade de opinião. Na verdade, ela implica que os conflitos e divergências necessários ao jogo democrático possam ocorrer mediante resoluções construtivas, impedindo assim conflitos violentos, os quais devem ser evitados e finalizados de forma eficaz, porém, alternativa. Portanto, afirma-se que a Cultura de Paz é uma cultura positiva, e que não pode ser definida pela simples ausência ou prevenção, da violência, e não se empenha a promover o conformismo entre os indivíduos (JARES, 2002).

Enquanto instituição formativa compete à escola também a função de promoção da paz, de sua vivência e difusão através de atividades e ações específicas que representem as práticas preconizadas no Princípio 7º da Declaração dos Direitos da Criança. Em relação ao Artigo 4º da Declaração sobre uma Cultura de Paz, este reitera a posição educacional, considerando-a como um dos meios fundamentais para a edificação da Cultura de Paz. Esse contexto é o espaço para manifestação e vivência da realidade subjetiva de cada pessoa como também um espaço de formação e aprendizagem. Essa instituição educativa envolve uma ação para além do aspecto cognitivo ou da prática curricular, constituindo um campo de interações sociais, crescimento integral e construção cultural (DUSI *et al.*, 2005).

Milani, Jesus e Bastos (2006) atentam para a importância de se desvendar o que as escolas e demais espaços educativos podem fazer para se configurar como ambiências saudáveis, onde se possa cultivar cidadania, participação, diálogo e respeito às diferenças. No Brasil, por exemplo, os estudos realizados nessa direção já apontam perspectivas importantes. No estudo de Abramovay *et al.*, (2003) foram identificadas 146 escolas de quatorze estados brasileiros que desenvolvem iniciativas criativas e bem-sucedidas no enfrentamento às violências. Percebe-se que não foi necessariamente a existência de projetos ou ações na escola que interferiram, mas também como se integra esses projetos e ações com aspectos da gestão, do relacionamento interpessoal da equipe escolar e da abertura para a comunidade.

Portanto, nota-se que a Cultura de Paz pode render bons frutos, seja na construção desses alunos em formação, seja nos educadores que também são formados pelos que educam.

É nesse contexto de promover mudanças significativas e alternativas para lidar com os conflitos, que surge a possibilidade de se trabalhar com a Cultura de Paz, dentro da perspectiva de espiritualidade com ênfase em Viktor Frankl no ambiente escolar.

## CULTURA DE PAZ, FRANKL E A ESCOLA: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Nos tópicos anteriores, discorreu-se sobre a escola, a importância da espiritualidade e de como ela precisa ser cuidada e como através da Cultura de Paz isso pode ser atingido em vários contextos, especialmente, no âmbito escolar. Nesse momento se faz necessário um diálogo em especial sobre a Cultura de Paz e Frankl.

Como se pode observar, a escola é repleta de conflitos e que, por vezes, a forma com a qual se trabalha fará toda a diferença. Entende-se, então, que o conflito é uma opinião divergente ou uma maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento (CHRISPINO, 2007). Todos que vivem em sociedade têm a vivência do conflito. Frankl (1985) traz em sua obra a importância de se respeitar a experiência própria como também a do outro. Considerando que, mesmo diante do mais tenebroso conflito, “o homem é um ser que decide” (CRUZ; AQUINO, 2018, p. 299).

De fato, a dificuldade vai além de se lidar com os mais diversos conflitos, existe também outra principal: reconhecer o mesmo e como a partir dessa consciência agir Chrispino (2007, p. 16) retrata que:

Um exemplo claro da dificuldade que temos para lidar com o conflito é a nossa incapacidade de identificar as circunstâncias que derivam do conflito ou redundam nele. Em geral, nas escolas e na vida, só percebemos o conflito quando este produz suas manifestações violentas. Daí podemos tirar, pelo menos, duas conclusões: a primeira é que se ele se manifestou de forma violenta é porque já existia antes na forma de divergência ou antagonismo, e nós não soubemos ou não fomos preparados para identificá-lo; a segunda é que toda a vez que o conflito se manifesta, nós agimos para resolvê-lo, coibindo a manifestação violenta. E neste caso, esquecemos que problemas mal resolvidos se repetem!

As divergências irão sempre existir, mas, talvez a pergunta chave seja: como coexistir com elas? Aquino, Cruz e Gomes (2019) discutem o conceito de monantropismo, que, na perspectiva de Frankl, corresponde:

Há milhares de anos, a humanidade desenvolveu o monoteísmo. Hoje, um outro passo se faz exigir. Eu o chamaria de “monantropismo”. Não a crença em um Deus único, mas, mais do que isso, a consciência da unidade do gênero humano; uma unidade sob cuja luz as diferentes cores de nossa pele desapareciam (FRANKL, 2011, p. 124).

Observa-se, portanto, que a antropologia de Frankl evidencia a importância da própria condição humana enquanto unidade, um gênero único, acima de qualquer coisa (AQUINO; CRUZ; GOMES, 2019). Nesse sentido, a comunidade prevalece ao indivíduo e nos direciona para lidar com os próprios aspectos de conflitos que existem em toda e qualquer comunidade, “não há grupo constituído exclusivamente de pessoas decentes, nem unicamente de pessoas torpes” (FRANKL, 1985, p. 83).

Lidar com as imperfeições como seres humanos, permite uma maior aceitação, responsabilidade frente às próprias atitudes e a consciência moral, pois, mesmo que o processo comece interiormente perpassa também pela comunidade na qual cada pessoa está inserida, sobretudo o ambiente escolar (FRANKL, 1985).

Cabe ressaltar aqui como a educação é fundamentada no pensamento de Frankl. Ele afirma que: “numa época em que as tradições e os valores universais que elas encerram se vão esboroando, educar significa, portanto, no fundo e em última instância – e até diria, mais do que nunca – formar a consciência pessoal” (1989, p. 30). Essa consciência também é resultado do encontro com a espiritualidade, que dirige o ser em busca do próprio sentido, escolhas e responsabilidades.

Os aportes teóricos de Frankl vêm, portanto, a contribuir com o cenário da discussão. Nesse sentido, a espiritualidade tem a pretensão de proporcionar o senso de identidade e propósito significativo à vida. Juntamente a educação, através da espiritualidade permite criar um cenário enriquecedor que acrescenta qualidade aos discursos e práticas educacionais na escola (TREVISAN; BORIN, 2018).

Dessa maneira, é imprescindível uma escola que promova uma educação humanizadora, onde tanto o educando quanto o educador são sujeitos em seus propósitos. Sendo assim, acredita-o que “a vida tem um sentido potencial sob quaisquer circunstâncias” (FRANKL, 2011, p. 10). As inúmeras situações vividas e experimentadas podem ser transformadas em saberes, que poderão dar significado à vida e formarão as identidades desses alunos. Pode-se afirmar então, que a educação consiste, com base nessa visão em formar um sujeito e cidadão com olhar voltado à comunidade, à vida e à promoção de si e do outro (TREVISAN; BORIN, 2018).

Frankl (2014) compreende que a educação tem que buscar ser, mais do que nunca, “uma educação para a responsabilidade” (FRANKL, 2014, p. 88). A responsabilidade termina se tornando peça chave para um entendimento educativo em sua teoria, podendo possibilitar a cada indivíduo uma formação mais empática, respeitando sua identidade, cultura e necessidades, não só as próprias, mas, também a todos a sua volta. A dimensão espiritual mostra-se, essencialmente, como a dimensão da vivência da liberdade e da responsabilidade (COELHO JUNIOR; MAHFOUD, 2001).

A importância de uma educação em consonância com os sujeitos para os quais ela se destina se faz extremamente válida, inclusive na tentativa de proporcionar aos sujeitos a capacidade de eleger e saber diferenciar os caminhos apontados. Isso implica em uma educação para a responsabilidade, seja pela sua própria vida ou pelo futuro das sociedades (TREVISAN; BORIN, 2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do artigo foi conhecer os desafios atuais no âmbito da escola e compreender o papel da espiritualidade na cultura de paz. Portanto, observou-se o quanto a junção da espiritualidade com a cultura de paz pode trazer alternativas para se lidar com os contextos escolares mais desafiadores.

Percebeu-se diante das discussões sobre o contexto escolar a necessidade de uma educação integral, que possa auxiliar na busca de um sentido, e fornecer uma ressignificação da experiência vivida. Para isso, devem-se promover ações que tenham por objetivo a



construção da identidade do indivíduo, necessidades afetivas, cognitivas, sociais e ideológicas (TREVISAN; BORIN, 2018).

O ser humano tem que encontrar em um espaço promissor para a reflexão e tentar responder às eventuais situações que a vida apresenta. Nessa perspectiva, observa-se que, na teoria de Frankl, a responsabilidade torna-se necessária e deve estar associada à educação como um exercício de liberdade que promove a possibilidade de escolha e que impulsiona à tomada de decisão e à ação (TREVISAN; BORIN, 2018). É fundamental e emergencial uma educação humanizadora, principalmente nas ambiências escolares. É preciso um olhar mais zeloso em direção à educação e nossos jovens. Por que, senão, que tipo de jovens estará se formando?

A espiritualidade torna-se peça fundamental no desenvolvimento de uma Cultura de Paz, independente de qual espaço esteja atuando. Ela possibilita enxergar o ser em suas mais variadas dimensões com a possibilidade de desenvolver um relacionamento mais profundo e congruente com seu eu, e automaticamente uma relação melhor com o mundo e todos ao seu redor.

As escolas têm muito a ganhar com as mais variadas perspectivas de se trabalhar a cultura de paz com esses jovens, esse trabalho pode render bons frutos até no desenvolvimento de suas potencialidades.

#### SPIRITUALITY, SCHOOL AND CULTURE OF PEACE: A PATH OF CHALLENGES, ENCOUNTERS AND MEANINGS

*Abstract: the objective of the article was to know the current challenges within the school and to understand the role of spirituality in the culture of peace. The school is considered as one of the pillars of education, building citizenship and forming a society and a nation. The process of illness of these young people has been growing and it is necessary to look at this more closely and carefully. New guidelines proposed by the World Health Organization (WHO), included the spirituality dimension in the multidimensional concept of health. Spirituality, in turn, can be understood by any experience that produces profound change within each person and can lead to personal integration and with the world. In this sense, the culture of peace combined with spirituality provides education with a sense of identity and meaningful purpose in life, allowing the creation of an enriching scenario that adds quality to the speeches and educational practices at school.*

*Keywords: Spirituality. Culture of Peace. Education.*

#### Referências

ABRAMOVAY, M. *et al.* *Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas*. Brasília: UNESCO, 2003.

ALVARENGA, C. F. *et al.* Desafios do ensino superior para estudantes de escola pública: um estudo na UFPA. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, Niterói, v. 6, n. 1, p. 55-71, 2012.

AQUINO, T. A. A.; CRUZ, J. S.; GOMES, E. S. Monotropismo e Movimento para a Paz no Pensamento de Viktor Frankl. *Interações*, v. 14, n. 26, p. 297-314, 2019.

AQUINO, T. A. A.; OLIVEIRA, K.G. Religiosidade e Espiritualidade no Contexto da Saúde: uma perspectiva noopsicossomática. *In: ALMINHANA, L. O.; FREITAS, M. H.;*

- AQUINO, T. A. A. (org.). *Experiências Religiosas, Espirituais e Anômalas: Desafios para a saúde mental*. João Pessoa: UFPB, cap. 2, 2020. p. 53-74.
- BOULDING, E. *Cultures of Peace: the hidden side of history*. New York: Syracuse University Press, 2000.
- BUBER, M. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro. (Originalmente publicado em 1923), 2001.
- CHRISPINO, Á. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p. 11-28, 2007.
- COELHO JUNIOR, A. G.; MAHFOUD, M. As Dimensões Espiritual e Religiosa da Experiência Humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 95-103, 2001. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642001000200006>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642001000200006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 21 jun. 2019.
- CRUZ, J. S.; AQUINO, T. A. A. A questão do ateísmo para o entendimento do homem no pensamento de Viktor Frankl. *Numen*, v. 21, n. 2, 2018.
- DAYRELL, J. T. A escola faz juventudes?: Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.
- DUSI, H. M. *et al.* Cultura da paz e psicologia escolar no contexto da instituição educativa. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)*, Campinas, v. 9, n. 1, p. 135-145, 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572005000100013>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572005000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000100013&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 05 dec. 2019.
- FRANKL, V. E. *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papyrus, 1990.
- FRANKL, V. E. *A presença ignorada de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FRANKL, V. E. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus, 2011.
- FRANKL, V. E. *Em busca de sentido*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- FRANKL, V. E. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FRANKL, V. E. *La idea psicológica del hombre*. Madrid: Rialp, 1983.
- FRANKL, V. E. *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante, 1989.
- GIOVANETTI, J. P. O Sagrado na psicoterapia. In: ANGERAMI-CAMON, V. A. (org.). *Vanguarda em Psicoterapia Fenomenológico-Existencial*. São Paulo: Pioneira, 2004. p. 1-26.
- GIOVANETTI, J. P. Psicologia e espiritualidade. In: AMATUZZI, M. M. (org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 129-145.
- JARES, X. R. *Educação para a paz: sua teoria e sua prática*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- KRAWCZYK, N. *O ensino médio no Brasil*. São Paulo: Ação Educativa, 2009.
- KRAWCZYK, N. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. *Cad. Pesqui*, v. 41, n.144, p. 752-769, 2011.
- LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. Jovens olhares sobre a escola do ensino médio. *Cadernos Cedes*, v. 31, n. 84, p. 253-273, 2011.
- LIBERAL, E. F. *et al.* Escola segura. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. S155-S163, 2005.

- LIMA NETO, V. B. A espiritualidade em logoterapia e análise existencial: o espírito em uma perspectiva fenomenológica e existencial. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 19, n. 2, p. 220-229, 2013.
- MILANI, F. M.; JESUS, R. C. P.; BASTOS, A. C. S. Cultura de paz e ambiência saudáveis em contextos educacionais: a emergência do adolescente protagonista. *Educação*, Porto Alegre, v. 59, n. 2, p. 369-386, maio/ago. 2006.
- MOREIRA, N.; HOLANDA, A. Logoterapia e o sentido do sentido: convergências nas dimensões espirituais e religiosas. *Psico-USF*, v. 15, n. 3, p. 345-356, 2010.
- OLIVEIRA, M. R.; JUNGES, J. R. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. *Estudos de Psicologia*, v. 17, n. 3, p. 469-476, 2012.
- PINTO, Ê. B. Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, p. 68-83, 2009.
- SARRIERA, J. C. *Psicologia comunitária: estudos atuais*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- SOUZA, S. R.; TEIXEIRA, I. O adoecimento psíquico vivenciado na adolescência no período pré-vestibular. *Humanidades & Inovação*, v. 3, n. 2, 2016.
- TONIOL, R. Atas do espírito: a Organização Mundial da Saúde e suas formas de instituir a espiritualidade. *Anuário Antropológico*, II, p. 267-299, 2017.
- TREVISAN, A. L.; BORIN, L. C. A espiritualidade na formação de professores em tempos de catástrofes: considerações a partir de Viktor Frankl. *Conjectura: filosofia e educação*, 23(Especial), p. 78-95, 2018.
- VOLCAN, S. M. A. *et al.* Relação entre bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores: estudo transversal. *Revista de Saúde Pública*, v. 37, n. 4, p. 440-445, 2003.